

*Resenha*

AS REPRESENTAÇÕES DO PROGRESSO EM  
LONDRINA, UMA HISTÓRIA REGIONAL DO  
NORTE DO PARANÁ

Oswaldo Fiorato Junior<sup>211</sup>

Resenha recebida em: 15/05/2016.

Resenha aceita em: 18/07/2016.

A obra resenhada, *O Eldorado*, de autoria de José Miguel Arias Neto, tem seus limites temporais e espaciais bem delimitados, como todo trabalho historiográfico que necessita de recortes e escolhas. Apesar do título do livro causar uma certa confusão, como bem alerta a prefaciadora da obra, Suely Robles Reis de Queiroz (ARIAS NETO, p.vii-viii), ele já aponta indícios significativos sobre o objeto de estudo em questão.

Sua dimensão de influência e impacto na historiografia regional do Norte do Paraná ainda não pode ser averiguada com precisão e nem com caráter definitivo, já que sua referência em trabalhos acadêmicos se faz presente de maneira profusa ainda na atualidade. Mas, certamente, podemos elevá-la aos patamares de um trabalho, de certa maneira, inaugural. Não, porém, quanto ao seu objeto de análise, tampouco, quanto às referências historiográficas recorridas pelo autor, pois é o aspecto central

---

<sup>211</sup> Graduado em História e pós-graduando em Religiões e Religiosidades, ambas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0519288294893185>

do livro o conceito de progresso da região e sua abordagem inovadora que foram os grandes diferenciais para que se tornasse um trabalho referencial.

Arias Neto não tenta desmistificar o progresso, nem se verifica na sua intencionalidade negar o desenvolvimento econômico e social que a região experimentou ao longo das décadas de 1940 a 1970. O mérito do autor se encontra, portanto, em justamente pontuar as mudanças que as representações do progresso causaram no âmbito político da sociedade londrinense. Ainda assim, demonstra como estiveram circunscritas pelas ações diversas que grupos políticos e econômicos projetaram para engendrar seus interesses. O livro, publicado em 2008, já se encontra na sua segunda edição, exatamente dez anos após a publicação da primeira versão que, por sua vez, foi adaptada para a versão editorial cinco anos depois do autor em questão ter defendido a dissertação de mestrado que lhe deu origem. As representações mais simbólicas são a de Terra da Promissão, vinculada ao primeiro momento de colonização, e de Eldorado, posterior à década de 1940, muito mais ligada ao empreendimento cafeeiro. No entanto, estas duas representações não carregam o sentido original das expressões, mas, sim, demonstram o aspecto de simbologia das oportunidades de trabalho e enriquecimento em profusão.

O historiador utiliza-se de uma variedade de fontes históricas. Numa análise minuciosa, Arias Neto contrapõe discursos projetados com características fantasiosas a respeito da construção social do espaço enquanto região. O autor discorda de um conceito de região tomado *a priori*, como fez boa parte da ciência que estudou a região por volta dos anos 1950, acentuadamente, pesquisadores ligados à Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências Humanas da USP. Nesse sentido, cabe historicizar este conceito e entendê-lo dentro da acepção de dominação, implicitamente e etimologicamente ligado à sua construção. Uma definição de região que leve em consideração a articulação de diferentes dimensões, como a organização social do território, as relações inter-regionais, assim como o capitalismo internacional, foram marcantes nas representações desse momento.

No primeiro capítulo temos uma análise densa a respeito da primeira delimitação temporal escolhida pelo autor, as décadas de 1920 e 1930. A Terra da Promissão é a ideia divulgada para representar Londrina enquanto espaço de riqueza natural inestimável, já que é propícia para se produzir demasiadas culturas orgânicas e é a terra do progresso. Esta primeira parte do trabalho está dividida em dois subcapítulos: no primeiro se pretende analisar as ocupações e colonizações movidas pelo empreendimento dos ingleses da *Paraná Plantations* e observar essa região a partir da visão dos colonizadores. Portanto, o autor demonstra que o discurso de progresso propagado pela CTNP se encontra na justificativa de um projeto capitalista inglês, que previa essencialmente o lucro. Arias Neto trabalha nessa primeira parte toda a contextualização da colonização da região.

Já no segundo momento estabelece uma discussão em torno do conflito entre os ingleses da CTNP e os defensores do movimento Paranista (movimento da elite paranaense na capital Curitiba). Dialoga, assim, com autores como Levi Strauss e Moinbeg para discutir o projeto racional de colonização da região. Outros autores importantes referenciados são Adum, Tomazi e Bernabé, utilizados aqui para discutir também o projeto de colonizar a região. A ideia de Terra da Promissão encontrou no seu contraponto, os Paranistas, a afirmação de terra de igualdade, frutífera e próspera, que caracterizou toda a região, trazendo a civilização onde antes só havia infinitas paisagens de matas intocáveis e inabitáveis. Um projeto capitalista e racional que, de modo pacífico e ordeiro, buscou o progresso em harmonia para paranaenses e brasileiros.

A partir do Estado Novo (1937-1945) houve uma reconfiguração nas representações do Norte do Paraná. Este regime pautou um projeto de Marcha para Oeste, ou seja, a colonização das regiões distantes do litoral. Uma obra é residual nesse sentido, *Marcha para Oeste*, de Cassiano Ricardo, publicada em 1940. A justificativa ideológica para efetivar tal empreendimento é associada à memória bandeirante dos desbravadores paulistas dos séculos XVII e XVIII. Há uma disputa

ideológica, já que o litoral representa o atraso das velhas elites e do capital estrangeiro, enquanto que o Oeste é o futuro do desenvolvimento nacionalista e do trabalho. O intervencionismo varguista na economia e o nacionalismo intensificaram o processo de desarticulação da CTNP, que ocorreu no ano de 1944. Porém, Arias Neto identifica que o período de desarticulação corresponde ao período de 1939-1944. Contribui para esse processo uma crise política, com acusações de corrupção e que culminou com a queda do prefeito de Londrina e dirigente da CTNP, Willie Davids.

Nos anos 40, após a desarticulação da CTNP e do afastamento de Willie Davids, o grupo dos cafeicultores começa a exercer sua influência. A Associação Comercial de Londrina passa a ser a porta voz dos grupos dominantes, começam a surgir as primeiras fortunas do café, de muitos fazendeiros oriundos do Estado de São Paulo após o fim da segunda guerra. O discurso do progresso serve para justificar um novo grupo político que procurava consolidação nas esferas estadual e federal. Elementos como predestinação e estabilidade são fundamentais na sustentação desse discurso. Houve uma mobilização contra o Estado Novo, e ensejos políticos estiveram de acordo com a nova representação da cafeicultura. Representação universalista da cafeicultura, toda a lógica da política do Estado esteve a favorecer os cafeicultores.

Com o progresso gerado pela economia, um processo de modernização começa a operar na cidade de Londrina, devido às novas representações geradas pelas elites, que se tornaram conscientes de que Londrina enfrentava os mesmos problemas que qualquer outra grande cidade da metade da última centúria. O crescimento habitacional descontrolado e sem regulamentação, grandes conjuntos sem infraestrutura, como também a prostituição, geraram uma questão problemática. Concomitantemente, um processo regularizador promovido pelos poderes públicos no intento, a partir de uma lei municipal, de higienizar e modernizar a cidade segundo os padrões racionais da modernidade foi verificado pelo autor. O homem londrinense deve ser o sujeito ordeiro, trabalhador e justo. A pobreza foi uma preocupação latente

do período, já que mendigos, pedintes e moradores de ruas proliferaram, pois nem todos que vieram em busca do Eldorado conseguiram alcançá-lo.

Por um lado, as elites se motivaram a criar instituições de caridade para amparar essa porção de miseráveis, porém Arias Neto demonstra que esses grupos mantiveram um olhar sobre essa classe por meio de uma visão estereotipada do *outro* - marginalizado. Portanto, a solução seria enquadrar a porção de pessoas que poderiam ser ajudadas a partir de instituições assistencialistas e os demais seriam relegados à visão do elemento marginal, por excelência. A arquitetura e as edificações também podem ser apontadas como representações da modernidade na cidade. Nos anos 50 o autor identifica uma série de problemas ameaçadores para os cafeicultores. Entre estes infortúnios, podem-se citar as geadas, a fome, a ameaça do comunismo e a regulamentação governamental da produção do café. Estes dois últimos impactarem decisivamente nas representações em meados do século já que a interferência do Estado na economia gerou outra porção de celeumas. Um novo sistema de trabalho foi adotado, o trabalhador boia-fria entra em cena.

No último capítulo Arias Neto começa por analisar as representações geradas sobre Londrina já no final da década de 1950. Precisamente, no Jubileu de Prata da cidade, em 1959. Sobre esta questão o autor utiliza os conceitos de lugares de memória, de Pierre Nora, e da invenção das tradições, de Hobsbawn. Analisando comparativamente duas crônicas escritas sobre essa ocasião, o autor demonstra como as memórias sobre o passado já se mostram conflitantes nos setores da elite londrinense. Por um lado, há um velho saudosismo quanto ao tempo da CTNP e, do outro, o lugar de memória reside nos tempos áureos do café. Os símbolos culturais, que emergiram justamente nesse período, também merecem atenção do historiador, que os analisa a partir de sua representação na esfera governamental e pública. A partir dos anos 1960, paulatinamente, foi se perdendo a representação do Eldorado pela crise do café e a ditadura militar. Um apelo pela industrialização se fez a partir da imprensa, pois tentam manter a representação do progresso já não mais a partir

exclusivamente do café. Analisando uma crônica já na metade dos anos 1970, o autor observa a representação da reforma agrária no Norte do Paraná, que deixa de ser Eldorado para ser o exemplo da democracia agrária. No entanto, a reforma agrária via invasões era vista com ares negativos. Mais apropriado seria a manutenção da propriedade particular, direito sagrado, mas com reestrutura agrária, com democracia, alinhada ao plano de colonização racional.

Em suma, a obra analisada reflete um marco na historiografia regional do Norte do Paraná pela abordagem inovadora e pela influência exercida em uma geração de historiadores. A partir das representações da Terra da Promissão e do Eldorado o autor analisou o conceito de progresso e suas metamorfoses na história e memória local. Portanto, reside como obra essencial para se estudar e pesquisar a região em questão.

### Referência bibliográfica

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**: representações da política em Londrina (1930-1975). 2. ed. Londrina: Eduel, 2008.